

ANÁLISE DOS GESTOS E DA DIREÇÃO DO OLHAR EM UMA VIDEOAULA DE PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM COGNITIVA

André Lisboa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Beatriz Graça

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Maíra Avelar Miranda

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

RESUMO: Este trabalho propõe analisar os gestos manuais e a direção do olhar em uma videoaula disponibilizada no *Youtube*. O trabalho é baseado nos Estudos em Gesto (KENDON, 1981, 2004) e em Direção do Olhar (ROSSANO, 2012) e a relação que se estabelece com a Linguística Cognitiva. A fim de demonstrar como se configuram esses articuladores em contextos educacionais, visualizamos o nível de engajamento dos interactantes por meio mecanismos gestuais e a relação com os mecanismos linguísticos e, ainda, com os mecanismos de segmentação da direção do olhar. Sendo assim, para analisar a estrutura específica desse tipo de interação, baseamos as nossas discussões na relação entre os articuladores multimodais, que constituem a comunicação não-verbal, com a fala, que constitui a comunicação verbal. Os resultados apontaram que o nível de engajamento do professor é estabelecido na tentativa de emular a interação com alunos, a partir de uma aula, gravada e disponibilizada digitalmente.

Palavras-chave: Dados multimodais. Direção do olhar. Gestos.

Introdução

Quando se trata da construção de sentido na interação social, a partir de uma perspectiva cognitivista, é preciso levar em consideração o seu percurso que se inicia nos bastidores da mente até as diversas modalidades da manifestação linguística. Partindo desse pressuposto, o objetivo deste trabalho é analisar, cognitivamente, dois articuladores multimodais – especificamente os gestos e a direção de olhar – em uma videoaula de língua portuguesa, disponibilizada no *Youtube*. Sendo assim, para analisar a estrutura específica desse tipo de interação, baseamos as nossas discussões na relação entre os articuladores multimodais, que constituem a comunicação não-verbal, com a fala, que constitui a comunicação verbal. Do ponto de vista teórico, este trabalho propõe analisar a estrutura interacional de uma videoaula, estabelecendo um diálogo entre os Estudos de Gesto (KENDON, 1981, 2004), os Estudos de Direção do Olhar (ROSSANO, 2012).

Nos primórdios dos estudos que enfocavam a comunicação não-verbal e, conseqüentemente, que passaram a considerá-la como um subdomínio das ciências linguísticas, focava-se, sobretudo, nos aspectos do comportamento em situações sociais em que o objeto de pesquisa era tratado como inconsciente e, de algum modo, revelador no que dizia respeito aos sentimentos e atitudes de um determinado indivíduo. Sendo assim, na virada cognitivista, os estudos linguísticos passaram a dar maior atenção aos gestos. Nesse sentido, de acordo com Cienki (2016), as pesquisas em gesto, inerentemente, direcionam o pesquisador a analisar os dados gerados a partir de vídeo gravações, o que requer uma análise que contemple as múltiplas modalidades linguísticas.

No que diz respeito à organização deste trabalho, ele está organizado em outras três seções: Na seção 2, tratamos do referencial teórico-metodológico que serviu como base para a nossa análise; na seção 3, apresentamos uma proposta de análise dos gestos manuais e da direção do olhar em uma videoaula disponibilizada no canal “Professor Nolsen”, no qual ele, de maneira divertida, de acordo com suas próprias palavras, propõe facilitar a aprendizagem da Língua Portuguesa e Redação. Por fim, apresentamos as considerações finais e as perspectivas futuras de análise.

2. Os gestos e a direção do olhar no ensino

Nesta seção, trataremos, especificamente, dos gestos manuais, da direção do olhar e da integração desses articuladores multimodais em contextos de ensino.

2.1 Os gestos manuais

De acordo com Kendon (1980), os gestos e a fala constituem-se como os aspectos interrelacionados do enunciado. O autor explica ainda que os seres humanos, ao interagirem, oferecem informações, continuamente, a respeito de suas intenções, interesses, sentimentos e ideias, por meio de ações corporais visíveis. Ainda para o autor (2004), é através da orientação do corpo que a informação sobre como o engajamento de atenção e uma pessoa é estabelecido. Kendon (2004) explica, ainda, que as pessoas podem se referir a algo com os gestos de apontar, ou seja, utilizando as mãos em uma ação complexa, organizada tanto para apresentar algo, como para indicar o seu tamanho ou formato, entre outras coisas. Além disso, Kendon (2004) afirma que as pessoas podem demonstrar, a partir de ações visíveis que estão pedindo algo, fazendo uma pergunta, negando alguma coisa etc. Essas ações visíveis são utilizadas na realização de

expressões que, do ponto de vista funcional, são similares ou idênticas a determinadas expressões da língua fala. A utilização dessas ações é denominada por Kendon (2004) como o “uso de enunciados” das ações visíveis que constituem o domínio dos gestos.

Sendo assim, Kendon (2004) denomina como “gestos” as ações visíveis que são utilizadas como um enunciado ou como parte de um enunciado. Os enunciados se referem, portanto, “a qualquer conjunto de ações que são consideradas como uma tentativa de dar informação de algum tipo”¹ (KENDON, 2004, p. 7). E no que diz respeito à ação de “dar informação”, com base em Goffman (1963), Kendon (2004) compreende que, quando as pessoas estão copresentes em uma situação interacional, elas oferecem informações sobre suas intenções e seus status como seres sociais. No campo dos gestos, mais especificamente, o autor argumenta que eles constituem uma denominação para as ações que possuem traços da manifestação de expressividade deliberada.

Kendon (2004) define, então, que uma unidade natural da ação gestual é iniciada quando a mão inicia a excursão a partir da posição de descanso e termina quando a mão retorna à posição de descanso. Nesse sentido, ele propõe que, tipicamente, o ato da gesticulação ou excursão gestual é constituído pelas seguintes fases: a) a preparação, fase na qual a mão se movimenta, configurada em um formato específico, da posição de descanso para o *stroke*; b) o *stroke* (traduziremos como núcleo gestual), fase que compreende o principal movimento expressivo reconhecido como “o gesto” e, por fim, c) a retração, fase na qual a mão retorna do núcleo gestual para a posição de descanso.

A fim de ilustrar as fases que compreendem a excursão gestual (KENDON, 2004, P. 110), utilizamos, conforme a Figura 1 a seguir, um trecho da videoaula escolhida. Nessa aula, especificamente, o professor Nolsen, trata da classe de palavras “substantivo”. Um dos aspectos sobressalentes da videoaula é a presença de uma pessoa atuando como professor², um quadro interativo que representa o clássico quadro branco e a ausência de alunos – os alunos, nesse caso, são aqueles que visualizam o vídeo no *Youtube*.

Figura 1 – As três fases da Excursão Gestual

¹ Any ensemble of action that counts for others as an attempt by the actor to “give” information.

² Consideramos que as pessoas estão “atuando” como professores pois, em alguns casos, os indivíduos que interagem em videoaulas não possuem a formação acadêmica de professores.



A: muito bem, pessoal, olha só, de verdade

B: a aula é [pra você], Pedrinho, é... meu velho
[gesto]

C: cê não queria essa aula aqui?

Fonte: Dados dos pesquisadores/canal do Youtube do Professor Nolsen³.

Na Figura 1, verifica-se que o professor Nolsen produz um gesto de apontar com o dedo indicador da mão direita, em um movimento direcionado para a câmera. Esse gesto, coocorre

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8iXiBgCnGv4>. Acesso em: 20. Mar. 2021.

com o segmento “pra você”, conforme é possível observar na transcrição. Nesse momento, o professor, por meio das modalidades gestual e verbal (o gesto de apontar e o pronome “você”), evoca um interlocutor “imaginário” – o “aluno” para o qual a aula está sendo direcionada. Além disso, é possível verificar que o professor evoca “Pedrinho”, como um suposto aluno imediato. No entanto, o dado não é suficiente para que afirmemos se diz respeito a um inscrito específico do canal, ou se diz respeito a um aluno, de fato, imaginário.

Na Figura 1A, é possível verificar a fase de preparação do gesto, na qual a mão sai da posição de descanso que, no caso dessa interação, se situa na altura do colo do professor. Em 1B, consegue-se visualizar o núcleo gestual que se configura como o instante em que ele produz o gesto de apontar. Já em 1C, visualiza-se a fase em que as mãos retornam à posição de descanso. O falante, então, instancia, dessa maneira, a referência dêitica, levando em consideração a sua participação no momento interativo, ou seja, ele se posiciona como o falante – o professor, autor e responsável (GOFFMAN, 1981, p. 144) de suas palavras e atitudes dentro do momento interacional.

2.2 A direção do olhar

No que diz respeito à direção do olhar como um articulador multimodal que faz parte da constituição da comunicação não-verbal, Kendon (1967, 1981) afirma que as análises sobre esse articulador em momentos de interação se configuram como um tipo de pesquisa muito produtiva, já que alguns padrões de comportamento do olhar podem determinar os níveis de engajamento de interactantes em relação às informações que circulam nesse processo. Quando se trata da Linguística Cognitiva, Kendon (1967, 1981) afirma, com base em Goffman (1963, 1971) que a direção do olhar é uma evidência de como está estabelecida a atenção de indivíduos em um momento interativo.

Em relação aos papéis atribuídos à direção do olhar em situações interativos, Rossano (2012) explica que a relação entre o olhar e os papéis de participação, tais como falantes e ouvintes, é analisada, muitas vezes, considerando o *framework* de participação (GOFFMAN, 1981), pois a noção de que o olhar se relaciona com o papel de participação é muito comum na literatura: diversos autores concluem que, nas interações dialógicas, as pessoas tendem a olhar com mais frequências para os participantes no momento em que eles estão falando. É nesse sentido que, Goffman (1981) diferencia os participantes oficiais e ouvintes não-oficiais. Entre

os participantes oficiais têm-se: i) os ouvintes endereçados e ii) ouvintes não-endereçados. Já entre os participantes não-oficiais têm-se: i) os espiões (*eavesdroppers*); ii) ouvintes por acaso (*overhearers*); iii) espectadores (*bystanders*) e iv) públicos (*audiences*). Em contrapartida, Rossano (2012) afirma que na categoria dos ouvintes endereçados, é possível verificar os níveis de engajamento dos ouvintes de uma interação.

Pensando, ainda, no contexto da interação, Rossano (2012), com base em duas regras propostas Goodwin (1980, 1981) que dizem respeito ao comportamento do olhar na conversação, explica que o comportamento do olhar dos participantes na interação é mais interrelacionado do que independente no que diz respeito aos turnos de fala. As regras de Goodwin (1980, 1981) são: “1) um falante deve obter o olhar de seu receptor durante o curso de turnos de fala” (GOODWIN, 1980, p. 275) e 2) “um ouvinte deve direcionar seu olhar ao falante quando este direcionar seu olhar ao ouvinte” (GOODWIN, 1981, p. 57). Isto é, se o ouvinte direciona seu olhar, na maior parte do tempo, o falante o encontrará olhando de volta, toda vez que olhar para o ouvinte. Se o ouvinte não estiver olhando para o falante, o falante possui recursos para solicitar o olhar do ouvinte.

2.3 O papel dos gestos manuais e a direção do olhar em interações de ensino

De acordo com Roth (2001), os gestos constituem um aspecto central do desenvolvimento, conhecimento e comunicação humanos ao longo de todas as culturas. Além disso, em termos da cognição humana, o papel dos gestos tem protagonizado vários estudos que tratam da sua relação com o contexto educacional. Nesse sentido, as pesquisas de gestos têm estendido suas análises entre os aspectos da linguagem baseados na experiência humana. No que diz respeito ao contexto educacional, ainda segundo Roth (2001), os gestos possuem um papel fundamental no ensino, seja em situação de interações de face a face, ou no caso de interações que constituem o nosso *corpus*, por exemplo. Os gestos, portanto, tendem a ocorrer com mais frequência quando o professor (ou o aluno – o que não é o caso da nossa análise) constrói a explicação de um fenômeno a fim de auxiliar o interlocutor a prever, revisar e coordenar elementos teóricos de determinada ordem.

Segundo Alibali e Nathan (2007), os professores tendem a utilizar gestos manuais ao longo de sua fala na tentativa de capturar e proporcionar a compreensão dos estudantes. Os autores afirmam, ainda, que os gestos utilizados pelos professores possuem a função de

concretizar determinada instrução linguística, ou seja, conectar suas palavras com o mundo real, a partir de referentes físicos como objetos, ações, diagramas etc. Essa “concretização”, de acordo com os autores, possibilitam que a informação veiculada pela modalidade verbal se torne mais acessível aos estudantes. Na perspectiva dos autores, os gestos são essenciais para a prática do professor, no sentido de conduzir a aula, disponibilizando o que não está acessível na modalidade verbal do contexto de aula. Tratando, especificamente da direção do olhar no contexto de ensino, Bavelas, Coates e Johnson (2002) afirmam que os participantes, nesse contexto interativo, a direção do olhar se constitui como um aspecto seminal para analisar o nível de reciprocidade relacionado ao nível engajamento da resposta dos outros interactantes.

3. Procedimentos Metodológicos

Nesta seção, descrevemos, de forma panorâmica, a videoaula analisada e abordamos os procedimentos de coleta e análise dos dados. Em seguida, tratamos de questões específicas que dizem respeito à análise de dados multimodais na videoaula em questão, levando em consideração os dois articuladores multimodais: os gestos manuais e direção do olhar.

3.1 Coleta

A videoaula que escolhemos para esta análise foi coletada no canal do *Youtube* do Professor Nolsen⁴. De acordo com a descrição desse canal, trata-se do maior canal de aulas de Língua Portuguesa do mundo, com mais de 3 milhões de inscritos e 150 milhões de visualizações. O objetivo do canal, ainda de acordo com a descrição do canal, é facilitar o aprendizado da Língua Portuguesa. O vídeo escolhido para a análise trata, especificamente, da classe de palavras “substantivos”⁵. Levando em consideração a videoaula escolhida, analisaremos a integração das modalidades verbal, gestual e visual em três ocorrências.

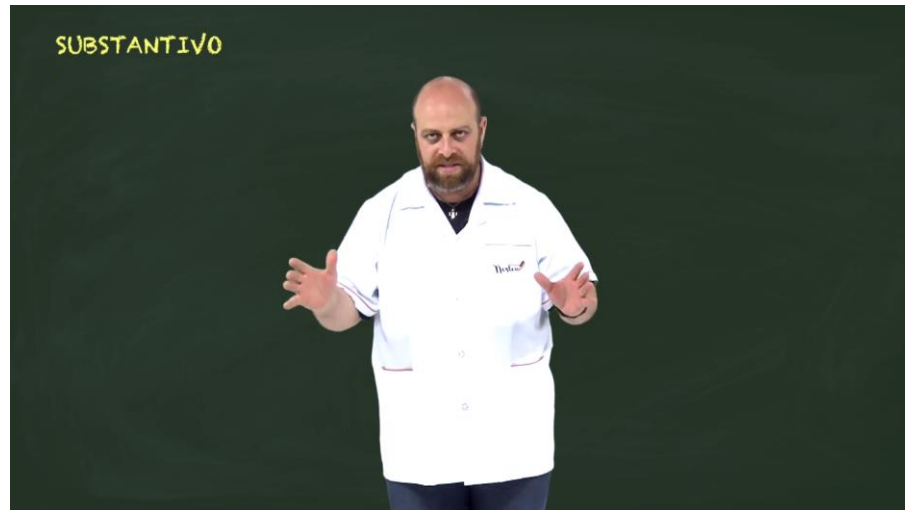
3.2 Análise

A primeira ocorrência, representada na Figura 2, a seguir, foi extraída da apresentação do vídeo, momento no qual o professor apresenta sobre o que se trata a aula.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwSxSJqGpSRpEsq5-YUbM8g>. Acesso em: 20. Mar. 2020

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8iXiBgCnGv4>. Acesso em: 20. Mar. 2021.

Figura 2 – Representação Multimodal da Ocorrência 1



Pra que serve o substantivo, professor?

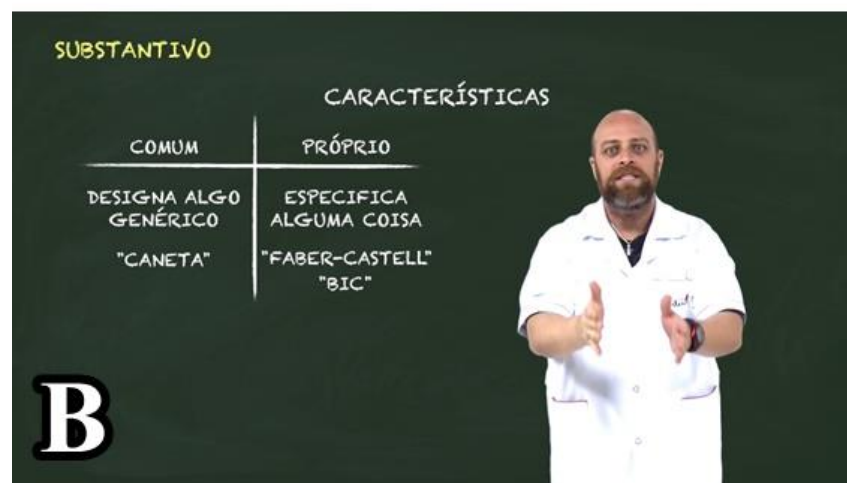
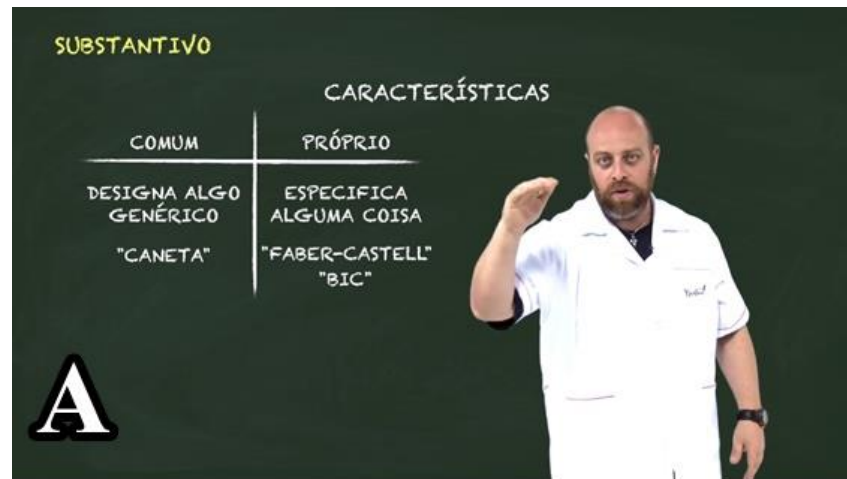
Vamo fazer um conceitozinho bem simples?

Que todo mundo conhece e [bem genérico] aqui

Fonte: Dados do pesquisador/canal do *Youtube* do professor Nolsen.

Nessa ocorrência, que, conforme mencionado, faz parte da apresentação do vídeo, no qual ele explica o tema da aula. O gesto, realizado com ambas as mãos com a palma para frente, coocorre com o segmento “bem genérico”. Nesse caso, o formato das mãos nesse movimento intancia a ideia de “substantivo” (uma ideia abstrata) como um objeto marcado no espaço físico. No que diz respeito à direção do olhar, verificamos que o enunciador direciona o olhar para a câmera, uma vez que a função comunicativa da videoaula é destinar determinado conteúdo a um ouvinte não específico. Partimos, então, para a próxima ocorrência.

Figura 3 – Representação Multimodal da Ocorrência 2



A: então vamo lá

substantivo comum [é genérico]

[gesto]

B: substantivo próprio [especifica]

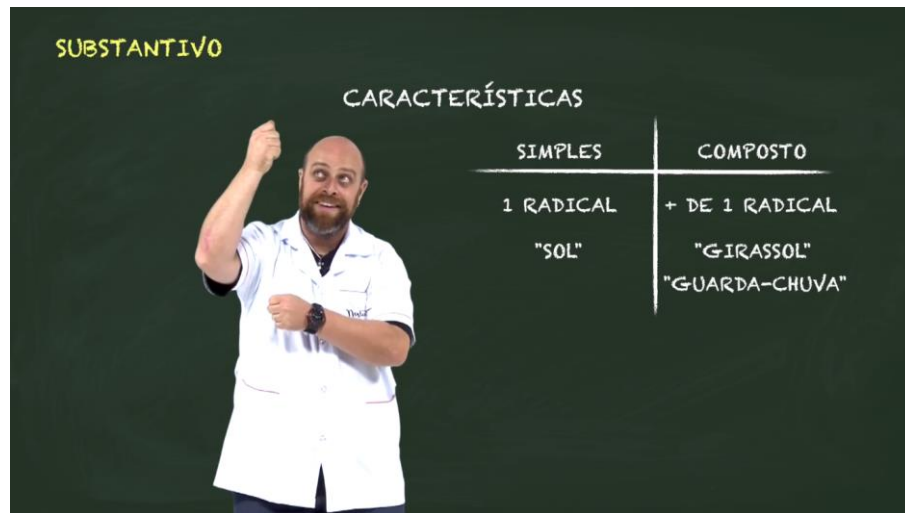
[gesto]

Fonte: Dados do pesquisador/canal do *Youtube* do professor Nolsen.

Nessa ocorrência, que diz respeito ao momento em que ele explica as características do substantivo em relação às suas designações. Na Figura 3A, ele explica que o substantivo comum designa algo genérico, realizando um gesto com a mão direita com a palma para baixo, em um movimento rotativo, em coocorrência com o segmento “é genérico”. Nesse caso, o tipo de movimento desse gesto representa um conjunto de designações que podem ser referidas pelo substantivo comum. Na Figura 3B, ele explica que o substantivo próprio especifica algo. O gesto realizado nessa ocorrência é realizado com as duas mãos com as palmas voltadas uma

para outra que representam a ideia do verbo especificar, delimitando, fisicamente as barreiras que se referem ao ato de especificar atribuído ao substantivo próprio. Em ambos os momentos dessa ocorrência, a direção do olhar também possui a função de emular uma interação entre professor e aluno(s). Partimos, agora, para a análise da terceira ocorrência.

Figura 4 – Representação Multimodal da Ocorrência 3



Professor, então quer dizer que [guarda-chuva] também pode ser composto?

[gesto]

Fonte: Dados do pesquisador/canal do *Youtube* do professor Nolsen.

Nessa ocorrência, o professor diferencia os substantivos simples dos substantivos compostos. Para exemplificar um substantivo composto, ele realiza um gesto icônico com ambas as mãos em formato de punho, localizadas de forma paralela, a fim de representar um guarda-chuva – e, além disso, coocorre com o segmento “guarda-chuva”. A direção do olhar, nesse caso, não está direcionada para o interlocutor imediato, mas sim para cima, o que representa que o enunciador está encenando uma suposta instância física. Essa encenação acontece no sentido de auxiliar, no processo de aprendizagem, a concretização de determinado conteúdo. Nesse sentido, os gestos icônicos (KENDON, 2004) incluem os movimentos que representam uma relação perceptual com entidades e eventos concretos. Isto é: eles “desenham” a extensão perceptual similar ao fenômeno sobre o qual se fala no momento de interação.

Considerações Finais

Os articuladores multimodais que fazem parte da comunicação não-verbal, os gestos e a direção do olhar, no caso do nosso trabalho, possuem um papel central na cognição humana e constituem um elemento pervasivo da comunicação humana. Nesse sentido, ambos os articuladores estão diretamente relacionados à troca de informações – conforme Goffman (1963). No caso das análises que apresentamos nesse programa, foi possível observar as consequências socio-interativas da modalidade gestual e como elas moldam e são moldadas pelas interações imediatas no contexto educacional.

No caso das interações apresentadas neste trabalho, conseguimos visualizar também o nível de engajamento do professor, na tentativa de emular a interação com alunos, a partir de uma aula, gravada e disponibilizada digitalmente. O nosso corpus, por conta da pandemia de COVID-19, se resumiu ao contexto de videoaulas, no entanto, a nossa intenção é aumentar o escopo dessa análise, inclusive, trazendo à tona interações que apresentem a interação professor-aluno.

REFERÊNCIAS

- ALIBALI; NATHAN. *Teachers' gestures and speech in mathematics lessons: forging common ground by resolving trouble spots*. In: ZDM 45 (2013), pp. 425-440, 2007.
- BAVELAS, J; COATES, L; JOHNSON, T. *Listener responses as a collaborative process: The role of gaze*. Journal of Communication, 2002.
- CIENKI, Alan. *Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication*. Cognitive Linguistics, p. 603-618, 2016.
- GOFFMAN, E. *Behavior in Public Places*. New York: The Free Press of Glencoe, 1963.
- GOFFMAN, E. *Relations in Public*. New York: Basic Books, 1971
- GOFFMAN, E. *Forms of talk*, Philadelphia, 1981.
- GOODWIN, C. *Conversational organization interaction between speakers and hearers*. New York, NY: Academic Press, 1981.
- KENDON, A. *Some functions of gaze direction in social interaction*. Acta Psychol. 26, 22-63, 1967.
- KENDON, A. *Gesticulation and speech: two aspects of the process of utterance*, in M. R. Key (ed.). *The Relation between Verbal and Nonverbal Communication*. The Hague: Mouton. pp.207-227, 1980d.
- KENDON, A. *Temporal aspects of the social performance in two-person encounters*. Unpublished doctoral thesis, Oxford, 1981.
- KENDON, A. *Gesture: visible action as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SOBRE OS AUTORES

André Lisboa

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: euandrelisboa@gmail.com

Beatriz Graça

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: biafgss@gmail.com

Maíra Avelar

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL).

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: mairavelar@uesb.edu.br